

Informações e Inscrições:

As inscrições devem ser feitas na Secretaria do Departamento de Filosofia até 08/11/2016.

Carga horária: 20 horas

Valor: R\$ 50,00

Secretaria do Departamento de Filosofia
Av. Colombo n.5790 – bloco H-35 sala 001
Maringá – Paraná
Telefone: (44) 3011-8925
E-mail: sec-dfl@uem.br
www.dfl.uem.br

Promoção:

Departamento de Filosofia
Programa de Pós-Graduação em Filosofia

Apoio:



XI Simpósio de Filosofia da UEM

Razão e Método na Modernidade

08 a 10/11/2016
Auditório do Bloco H-35



Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Departamento de Filosofia

XI Simpósio de Filosofia da UEM
Razão e Método na Modernidade: caminhos e descaminhos

O desenvolvimento e a afirmação dos conceitos de razão e método exercem papel fundamental na constituição das filosofias modernas. Além disso, no cerne da formação das mais diversas ciências, naturais e humanas, no contexto da modernidade, está a discussão dos diversos níveis de racionalidade e dos diversos métodos que devem ser levados em conta na produção de conhecimento. A reflexão sobre a unicidade ou pluralidade de métodos, sua exatidão e eficácia, bem como a definição do que é ser racional, seus poderes e limites, são temas tipicamente modernos e ainda hoje atuais. Durante o evento, os participantes terão acesso a conferências e minicursos ministrados por especialistas em Filosofia Moderna; além disso, haverá sessões de comunicação sobre temas filosóficos em geral. O Programa de Pós-Graduação em Filosofia e o Departamento de Filosofia da UEM espera de braços abertos todos os interessados no tema do evento e no debate e aperfeiçoamento das pesquisas na área de Filosofia.

Submissões de trabalhos

Prazo para submissão de trabalhos: até **31 de outubro de 2016**

pelo e-mail: xisimposiouem@gmail.com.

Maiores informações no site www.pgf.uem.br

Programação:

08/11/2016 (terça-feira), Bloco H-35, Auditório do CCH

14h: **Conferência de abertura:** “Ciência e utilidade do saber em Bacon” – Prof. Dr. Cezar de Alencar Arnaut de Toledo – UEM
16h30: **Conferência:** “*Quaestio definitionis e nominis latinis idem: Linguagem e conhecimento no *De antiquissima* de G. Vico*” – Prof. Dr. Sertório de Amorim e Silva Neto – UFU

09/11/2016 (quarta-feira), Bloco H-35, Auditório do CCH

8h00 às 10h30 - **Sessões de comunicação**
10h30 – **Mini-curso:** “G. Vico entre racionalismo e empirismo” – Prof. Dr. Sertório de Amorim e Silva Neto – UFU

14h – **Conferência:** “O método de Kepler para a astronomia” – Prof. Dr. Claudemir Roque Tossato – UNIFESP
16h30 – **Conferência:** “Método, racionalidade e o projeto filosófico cartesiano” - Prof. Dr. Paulo Tadeu da Silva – UFABC

10/11/2016 (quinta-feira), Bloco H-35, Auditório do CCH

8h00 às 10h30 - **Sessões de comunicação**
10h30 – **Mini-curso:** “G. Vico entre racionalismo e empirismo” – Prof. Dr. Sertório de Amorim e Silva Neto – UFU

14h – **Conferência:** “O projeto baconiano e o corpo como instrumento de conhecimento” – Profa. Dra. Luciana Zaterka – UFABC
16h30 – **Conferência:** “Razão e Método em Descartes” - Prof. Dr. César Augusto Battisti – UNIOESTE

XI Simpósio de Filosofia da
Universidade Estadual de Maringá

**Razão e Método na Modernidade:
caminhos e descaminhos**



Maringá
Novembro de 2016

XI Simpósio de Filosofia da
Universidade Estadual de Maringá

**Razão e Método na Modernidade:
caminhos e descaminhos**

Caderno de Resumos

Apoio:



Organização
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Filosofia

Reitor:

Mauro Luciano Baesso

Diretor do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes:

Angelo Aparecido Priori

Chefe do Departamento de Filosofia:

Evandro Luis Gomes

Organização:

Vladimir Chaves dos Santos

Max Rogério Vicentini

Patricia Coradim Sita

Rosiandra de Fátima Toledo

Comissão Científica:

Amélia de Jesus Oliveira

Evandro Luis Gomes

Mateus Ricardo F. Ferreira

Max Rogério Vicentini

Patrícia Coradim Sita

Vladimir Chaves dos Santos

Apoio Técnico:

Andrea Regina Previati

Rosângela A. Scoaris Andrade

Apoio Financeiro:

Fundação Araucária

Local:

Departamento de Filosofia

Av. Colombo, 5790 Bloco H-35 Sala 1 87020-900 Maringá – PR

(44) 3011-8925 – www.dfl.uem.br

APRESENTAÇÃO

O XI Simpósio de Filosofia da UEM propõe-se a abordar o tema razão e método na modernidade. Trata-se de um lugar comum, uma questão clássica, a qual é preciso revisitar, mesmo para ver se há sentido, ainda hoje no século XXI, tratar das coisas nos termos dessa questão. É algo que está na tópica da filosofia e que os nela interessados deveriam examinar. O evento, nesse sentido, visa proporcionar a alunos de graduação, pós-graduação, professores e interessados uma ocasião especial para aprofundar seus conhecimentos sobre esse tópico tão importante da filosofia.

O desenvolvimento e a afirmação dos conceitos de razão e método exercem papel fundamental na constituição das filosofias modernas. Além disso, no cerne da formação das mais diversas ciências, naturais e humanas, no contexto da modernidade, está a discussão dos diversos níveis de racionalidade e dos diversos métodos que devem ser levados em conta na produção de conhecimento. A reflexão sobre a unicidade ou pluralidade de métodos, sua exatidão e eficácia, bem como a definição do que é ser racional, seus poderes e limites, são temas tipicamente modernos e ainda hoje atuais. Durante o evento, os participantes terão acesso a conferências e minicursos ministrados por especialistas em Filosofia Moderna; além disso, haverá sessões de comunicação sobre temas filosóficos em geral. O Programa de Pós-Graduação em Filosofia e o Departamento de Filosofia da UEM espera de

braços abertos todos os interessados no tema do evento e no debate e aperfeiçoamento das pesquisas na área de Filosofia.

O objetivo principal do evento é, portanto, proporcionar essa ocasião para divulgação e discussão dos trabalhos de pesquisadores especializados sobre os temas tratados, clássicos na filosofia, com a expectativa de que haja divulgação, ampliação e avanço dos conhecimentos.

PROGRAMAÇÃO

08/11/2016

14h-16h: **Conferência de abertura:** "Ciência e utilidade do saber em Bacon" – Prof. Dr. Cezar de Alencar Arnaut de Toledo – UEM

16h-18h: **Conferência:** "*Quaestio definitionis e nominis latinis idem*: Linguagem e conhecimento no *De antiquissima* de G. Vico" – Prof. Dr. Sertório de Amorim e Silva Neto – UFU

09/11/2016

08h-10h - **Sessões de comunicação**

10h-12h – **Minicurso:** "G. Vico entre racionalismo e empirismo" – Prof. Dr. Sertório de Amorim e Silva Neto – UFU

14h-16h – **Conferência:** "O método de Kepler para a astronomia" – Prof. Dr. Claudemir Roque Tossato – UNIFESP

16h-18h – **Conferência:** "Método, racionalidade e o projeto filosófico cartesiano" - Prof. Dr. Paulo Tadeu da Silva – UFABC

10/11/2016

08h-10h - **Sessões de comunicação**

10h-12h – **Minicurso:** "G. Vico entre racionalismo e empirismo" – Prof. Dr. Sertório de Amorim e Silva Neto – UFU

14h-16h – **Conferência:** “O projeto baconiano e o corpo como instrumento de conhecimento” – Profa. Dra. Luciana Zaterka – UFABC

16h-18h – **Conferência:** “Razão e Método em Descartes” - Prof. Dr. César Augusto Battisti – UNIOESTE

ÍNDICE

1. ACEVEDO, N. D. Fato e valor na filosofia da ciência de John Dewey..... p. 11
2. ALMEIDA, M. B. de. Reflexões sobre as concepções dos professores do ensino fundamental sobre o conhecimento matemático: um olhar da filosofia da educação matemática..... p. 14
3. BIU-LOUREIRO, A. da S. Elementos do método marxiano na crítica à "religião" em Proudhon na carta de Marx a Annenkov.....p. 15
4. FARIA, J. S. Da tragédia grega ao cristianismo das origens: uma reflexão a partir de Nietzsche..... p. 18
5. NETO, F. A. S. A distinção entre prosa e poesia em Sartre p. 21
6. TOLEDO, R. de F. Inferência e argumentação..... p. 23

FATO E VALOR NA FILOSOFIA DA CIÊNCIA DE JOHN DEWEY

ACEVEDO, Natanael David

Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em
Filosofia

Universidade Estadual de Maringá

natanael.acevedo@gmail.com

Dentro do escopo deste evento, o trabalho em questão configura outro momento na história da filosofia, mas que, não obstante, deve muito de suas questões e problematizações ao que se denomina período Moderno. Desse modo, o objetivo aqui é apresentar alguns pontos no que concerne à filosofia da ciência de John Dewey (1859-1952), um dos principais pensadores da escola do pragmatismo. Se tomarmos o conhecimento científico a partir da Modernidade, temos a constituição de um tipo de atividade humana que, conforme autores como, Descartes e Bacon, deveria ser regido por um processo racional, isto é, deveria valer-se do que há de mais confiável no intelecto humano, traduzido em um método fortemente apoiado na matemática e em axiomas da geometria euclidiana. Reconhecidamente, esse método e processo levou a um efetivo desenvolvimento da ciência e proporcionou ao homem grande entendimento dos fenômenos naturais e de como manipular as variáveis em questão. Porém, uma das consequências a longo prazo das ideias ali desenvolvidas foi uma separação cada vez maior entre aquilo que é um fato e aquilo que se configura como valor ou, dito de outra forma, julgamentos de fato e julgamentos de valor. Putnam (2003) diz-nos que essa dicotomia se desenvolveu paralelamente a uma outra, a saber, a dicotomia analítico/sintético presente nas filosofias de Kant e Hume e, mais tarde,

vigentes nos escritos dos positivistas lógicos do século XX. Estes últimos, então, seguindo a racionalidade moderna, pretendiam que a caracterização daquilo que diz respeito unicamente às áreas científicas deveria expressar-se conforme normas pré-estabelecidas de caráter lógico-matemático. Mais do que isso, tais normas ou leis no fim seriam a identificação da verdade do mundo científico, uma vez que seriam a única forma confiável de descobrir os mistérios da natureza. Portanto, aquilo que não se enquadrasse ou não mantivesse o método científico, tal qual esse movimento o delineou, não poderia ser considerado conhecimento verdadeiro. As questões de cunho ético são entendidas como pertencendo ao campo dos julgamentos de valor, o que nessa dicotomia fato/valor e, de acordo como o positivismo lógico, não teria nenhum tipo de peso nas decisões no âmbito científico ou dos julgamentos de fatos. Isso quer dizer que a ética estava desprovida de objetividade, pertencendo a um campo de análise muito mais literário do que acadêmico. Dewey (1929, 1938) se coloca como um autor que seguidamente fomentou críticas a esse tipo de concepção de ciência e conhecimento como uma atividade objetiva que se pauta em leis lógico-matemáticas *a priori* na qual o julgamento de valor é seguidamente excluído da atividade científica. Não obstante, ele considera que há certo tipo de distinção entre os julgamentos, isto é, Dewey não rejeita que os assuntos da ciência devam ter caráter objetivo. Porém, quando algo que é uma distinção se torna uma dicotomia ou um dualismo (como Dewey preferia), a conotação agora é de não interferência de um campo em outro, isso devido a que em termos de dualismo o que se infere é que a natureza dos fenômenos é essencialmente diferente, de modo que, no caso, aquilo que consiste na natureza do fato não pode interferir naquilo que consiste na

natureza do valor e vice-versa. Chegamos com isso a uma visão de ciência de acordo com Dewey, uma visão que se constrói em dois movimentos: o primeiro é aceitar que podem haver distinções entre os tipos de julgamentos, desde que isso não leve a dicotomias; o segundo movimento é justamente aquele que evidencia a ciência como uma atividade não só de fatos, mas também de valores, mesmo que nenhum desses julgamentos seja considerado nos mesmos moldes da Modernidade e do positivismo lógico. Dessa forma, esta exposição busca levantar alguns pontos acerca da filosofia de Dewey em relação ao conhecimento científico, principalmente no que se refere à racionalidade, um conceito tão caro e explícito em qualquer definição de ciência.

REFLEXÕES SOBRE AS CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE O CONHECIMENTO MATEMÁTICO: UM OLHAR DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

ALMEIDA, Marlisa Bernardi de
Mestre em Educação Matemática- UEM.
Professora de Matemática e Pedagogia da Rede Pública do Paraná.
marlisabernardi@yahoo.com.br

Esta pesquisa relata brevemente um estudo realizado acerca dos entendimentos dos professores de Matemática do Ensino Fundamental sobre a formação profissional tendo como base teórica a Filosofia da Educação Matemática. A pesquisa foi realizada com os professores de três escolas públicas estaduais do Paraná, da região da Cantuquiriguaçu. O trabalho teve como objetivo principal analisar as concepções dos professores em relação ao processo de ensino e aprendizagem da Matemática, tentando enquadrar estas concepções dentro das três grandes correntes filosóficas do conhecimento matemático: logicismo, formalismo e intuicionismo. Os dados para o desenvolvimento deste trabalho foram obtidos através de questionário com questões abertas. As respostas permitiram apontar a presença marcante da concepção formalista da Matemática, como também do logicismo, podendo ser possível perceber, raramente nas respostas, alguns indícios do intuicionismo. Através da análise das respostas foi possível observar que as três concepções filosóficas do conhecimento matemático formam o ecletismo das concepções dos professores, deixando evidente que possuem ainda a forte influência do cartesianismo.

ELEMENTOS DO MÉTODO MARXIANO NA CRÍTICA À "RELIGIÃO" EM PROUDHON NA *CARTA DE MARX A ANNENKOV*

BIU-LOUREIRO, Alexandre da Silva
Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em
Filosofia
Universidade Estadual de Maringá
alexandre.bio.loureiro@gmail.com

O ano é 1846. Uma carta versa sobre o já célebre teórico do socialismo utópico francês Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865). O destinatário é Pavel Vassilievitch Annenkov (1812-1887), um publicista liberal e crítico literário russo, radicado em Paris. O remetente é Karl Heinrich Marx (1818-1883) que, a pedido de Annenkov, critica a recém lançada obra de Proudhon, *Sistema das Contradições Econômicas*, que o tornaria um dos maiores teóricos do socialismo francês em meados do século XIX. Como Proudhon se posiciona politicamente contra o capitalismo ascendente de sua época, porém pretensamente utilizando a dialética hegeliana para analisar os mecanismos da Economia Política, sendo Marx conhecedor de ambas, este procederia a devida "crítica", operação que considera ato central no trabalho filosófico e científico. O contexto econômico desses fatos é um capitalismo muito desenvolvido na Inglaterra, com uma Economia Política burguesa muito madura e já "clássica" na forma de três grandes obras de David Ricardo (1772-1823), enquanto a França e a Bélgica se industrializam secundariamente, e Alemanha, Holanda e Suíça permanecem presas à hegemonia da economia feudal. No contexto político, devido à radicalidade da Revolução Francesa (1789-1815) e uma séire de repiques revolucionários

pela Europa Continental (em especial 1830), o Socialismo já assumia principalmente na França a crítica mais avançada ao Antigo Regime do período da chamada "Restauração" monárquica europeia, enquanto também na Inglaterra já haviam conclusões socialistas quanto à teoria ricardiana. No âmbito da Filosofia, tradicionalmente forte na Alemanha, ali ainda se mantinha forte o legado de Georg Hegel (1770-1831), mas já bastante criticado pelos chamados "Jovens Hegelianos", em especial num materialismo como aquele de Ludwig Feuerbach (1804-1872), embora as preocupações da Filosofia alemã estivessem voltadas para os acontecimentos históricos e teóricos em Inglaterra e França desde o século XVIII. Esta *Carta a Annenkov* é uma das primeiras expressões das novas concepções marxistas, pois Marx, ao apontar o "erro de método" de Proudhon, se vê na necessidade de enunciar seu próprio "método", embora em uma linguagem ainda "genérica" e menos rigorosa do que viria a ser apresentada, treze anos depois, em seu famoso "*Prefácio*" da inicial *Contribuição à Crítica da Economia Política* (1859), primeira forma publicada do que viria a ser sua obra máxima, *O Capital*. O tema da incidência de elementos "religiosos" na suposta "ciência" de Proudhon é um tema secundário da pesquisa, mas tem importantes implicações na Filosofia e na Ciência, tanto quanto dentro como fora do Marxismo, quando contextualiza a alegação de que este seja um materialismo necessariamente "ateu", ou avesso às religiosidades como dado social objetivo ou mesmo como estudo importante e necessário em meio aos demais dentre os elementos ideológicos e/ou super-estruturais da totalidade social e histórica humana em todas as épocas. Vale lembrar que para Marx e Friedrich Engels (1820-1895) nossa consciência é social, "consciência do meio sensível

mais imediato", ou seja, o meio ambiente social em que está imersa, as relações sociais, da qual fazem parte necessariamente quaisquer ideias ou teorias, a religião entre elas, e que se não a estudamos criticamente, não poderemos reclamar que ao menos uma "religião natural" se faça "força material", como visão de mundo que "penetra as massas", por vezes como ideologia ou "falsa consciência" do real.

DA TRAGÉDIA GREGA AO CRISTIANISMO DAS ORIGENS: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE NIETZSCHE

FARIA, Jonas Silva
Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em
Filosofia
Universidade Estadual de Maringá
fariajonas@hotmail.com

O pensamento de um filósofo geralmente não reflete a sua vida pessoal, portanto, de início podemos afirmar que a relação do jovem Nietzsche com o cristianismo não tem relação com o pensamento posterior deste pensador com a crítica que o mesmo fará a religião cristã. Todavia, se suas origens religiosas não interferem no seu pensamento, não há como negar que todo filósofo é fruto de seu tempo, ou seja, sendo assim, não podemos desprezar de todo a formação cristã do jovem Nietzsche e como esta o acompanhou por toda a vida. Friedrich Wilhelm Nietzsche, filho primogênito do pastor protestante Karl Ludwig Nietzsche, era um filho nato da região da Turíngia, com alta preponderância da religião protestante, oriunda da reforma do século XVI. Como é de comum acordo entre os historiadores da filosofia, e principalmente da filosofia de Nietzsche, o jovem Nietzsche era oriundo de uma família de pastores tanto pela linhagem paterna como pela linhagem materna, por isso, pode-se dizer que também estava destinado a seguir a mesma carreira dos seus antepassados, como seu pai havia seguido, até a ocasião de sua morte em 1848, quando Nietzsche era apenas um menino de cinco anos, mas desde então, já órfão de pai. Era então o século XIX, onde os teólogos protestantes davam passos gigantes na interpretação da Bíblia,

era o mundo de então, sendo apresentado à Teologia Liberal, ou então, esta sendo apresentada ao mundo, principalmente ao mundo europeu. Nietzsche nasceu na Saxônia, no dia 15 de Outubro de 1844, no “poderoso império da Prússia” o qual, ao longo do século XIX, sofreu profundas mudanças sócio-políticas e econômicas. Depois da guerra franco-prussiana que eclodiu em 1870, onde acontece a unificação da Alemanha, Nietzsche observa que a vitória militar transmite uma falsa ilusão de que a cultura alemã também foi vitoriosa ou, ao menos, teria parte nessa conquista. Apesar da vitória militar da Alemanha sobre a França, segundo Nietzsche, isso não provocou a decadência da cultura francesa, até porque, foram os alemães que continuaram sendo tributários à cultura francesa, uma vez que foram absorvidos por ela. Nietzsche, após conhecer os infortúnios da guerra, e ter percebido que a guerra não é feita apenas de glórias, visto que se deparou com inúmeros cadáveres vítimas da guerra, volta para Basileia onde, escreve o livro, *O nascimento da tragédia*. Nesta obra, com admirável originalidade, ele contrasta a cultura grega apolínea com as forças instintivas e dionisíacas do deus Baco, enfatizando que somente Wagner conseguiu “harmonizar os elementos apolíneo e dionisíaco à maneira da tragédia grega”. No entanto, apesar desta admiração inicial, Nietzsche vai aos poucos rompendo com Wagner, uma vez que viu nele um antissemitismo e arrogância, e também um exagerado egocentrismo. Nietzsche faz uma análise crítica do surgimento e consolidação dos valores e crenças predominantes ao longo da história da cristandade, e por isso volta até a antiguidade grega, onde faz o contraste entre Apolo e Dioniso. Apolo é o deus da arte, que estabeleceu medidas a Dioniso. Segundo Nietzsche, como uma divindade artística, Apolo somente o é na medida em que é o “deus da

representação onírica". Contudo, de acordo com Nietzsche, Apolo, além de ser o deus da "bela aparência", também deve ser do conhecimento e, portanto, não pode faltar-lhe o tênue limite que a "imagem do sonho não pode ultrapassar", para que o mesmo não venha agir de forma patológica. Para Nietzsche, no entanto, a arte grega apesar do contraste, também foi a fusão do apolíneo com o dionisíaco: Para Nietzsche, foi na época em que viveram Sócrates e Platão, em torno de 400 a.C., que houve o início sombrio da cultura grega. Com a dialética socrática e o mundo das ideias platônico, aos poucos o modo grego de viver a cultura e a arte da tragédia grega, os ditirâmbicos de Dioniso foram dando lugar a uma hipertrofia da razão na busca por segurança e por definições, pela verdade, ou seja, "tudo deve ser inteligível para ser belo". Os ditirambos, que eram os cantos e danças improvisados em honra a Dioniso, tão conhecidos entre os gregos a ponto de o reconhecerem o deus e "senhor de todos os que participam da zoé", foram suprimidos pela doutrina socrática de que tudo para ser belo, tem que ser virtuoso. A visão metafísica de Platão é vista por Nietzsche como tendo o seu ponto culminante no cristianismo. Para Nietzsche o cristianismo, por meio do "judeu Pascal" (Paulo), veio completar o processo de inversão de valores que se configurava: a partir do "todos são iguais perante Deus". Por isso, em *Ecce Homo*, Nietzsche tem como intenção anunciar a "transvaloração de todos os valores". Com o cristianismo teria se inaugurado um novo procedimento de valores morais, onde humildade é símbolo de bem, e orgulho, força seriam sinônimos de mal. Mesmo diante das críticas ao cristianismo, podemos dizer que para Nietzsche, o Cristianismo ainda é a religião do coração.

A DISTINÇÃO ENTRE PROSA E POESIA EM SARTRE

NETO, Fernando Alves Silva

Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em

Filosofia

Universidade Estadual de Maringá

zaraki_kenpachi11@hotmail.com

Com que finalidade você escreve? É com essa questão que Sartre apresenta a prosa e a poesia em lados distintos. O presente texto possui como objetivo apresentar a diferença entre prosa e poesia em Sartre, a partir da leitura da obra *Que é Literatura?* Enquanto a poesia ocupa um lugar entre as não-significantes, semelhante a pintura e a música; a prosa adquire o papel principal como arte significativa, pois expressa de forma natural a “fala” como uma ação, não se prendendo apenas nas qualidades formais da palavra. Visto que a poesia não vê a linguagem como uma forma de ação do homem sobre o mundo, já que utiliza a palavra apenas como vista nela mesma, em sua textura, sonoridade e forma. Já que, para Sartre, a finalidade da poesia se encontra na contemplação, pois cria para si uma realidade “mística”, na qual a fala deve ser seguir ao encontro do poema, pois ele deve ser o primeiro motor da fala, ou seja, aquele que proporciona todo o sentido da palavra dentro do seu corpo. Por esse motivo a poesia visa uma finalidade diferente da prosa, uma vez que a finalidade da prosa é a comunicação, em Sartre, as palavras não são entidades abstratas que representam algo, mas são frutos de uma atividade natural do homem, visto que não há linguagem pura que possua um sentido completamente contemplativo, já que a linguagem advém do sujeito que a profere como

uma ação, e por ser uma ação comunicativa torna-se uma arte engajada. Por isso que, teremos que compreender que a palavra para Sartre é ação, pois a fala é um dado momento particular da ação e não se compreende fora dela. Ao contrário, a palavra poética renúncia ao caráter ativo das palavras, por isso que o poeta está fora da linguagem, em contrapartida, a prosa não recusa a “fala” como uma atividade, ou seja, como uma ação. A fala é um instrumento privilegiado do homem, já que o homem é agente da fala enquanto atividade, assim não podendo enxergar as palavras como abstrações, já que são para ele parte de sua própria maneira de movimentar-se no mundo. Portanto, para que possamos alcançar a compreensão da “finalidade” de cada arte, no caso prosa e poesia, será necessário entender como é estabelecida a distinção a partir dos artigos *Ida e Volta* e *O homem e as coisas*, presentes em *Situações I*, nos quais o filósofo analisa mais a fundo a questão da linguagem, abordando o que chama da “crise da linguagem” do começo do século XX, na qual os artistas buscavam uma arte que se completava nela mesma, “arte pela parte” expressão que Sartre utiliza para simplificar o problema do significado não só nas prosas, mas nas artes não-significativas em geral, uma vez que o poeta é semelhante ao pintor que a partir de uma metamorfose mantém os significados e signos sobre um manto incógnito, como “Picasso quando desejava fazer uma caixa de fósforos que fosse inteiramente morcego sem deixar de ser caixa de fósforo” (Sartre, 2004, p 15).

INFERÊNCIA E ARGUMENTAÇÃO

TOLEDO, Rosiandra de Fátima
Mestranda em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em
Filosofia
Universidade Estadual de Maringá
rosiandratoledo@gmail.com

A discussão a seguir possui como objetivo explicar os três seguintes tópicos: [1] como a noção denotada pelo termo *raciocínio* é abordada dentro da Lógica, ao possuir sua ocorrência dentro dos processos inferenciais dedutivos que a envolvem, a fim de evitar equívocos no papel desenvolvido por ela. Isso porque, no alcance do âmbito da Lógica, a noção denotada pelo termo *raciocínio* causa, ainda hoje, certa dubiedade acerca do papel da Lógica. Isso ocorre principalmente pelo fato de alguns autores em Lógica utilizarem este termo em seus contextos definicionais, o que ocasiona problemas como aproximar a Lógica da Psicologia, reduzindo-a a seu instrumento, como é claro nas correntes como o *psicologismo* que afeta a Lógica e foi combatido por Frege, em seu *Os Fundamentos da Aritmética*. Entretanto, a questão sobre a conotação do termo *raciocínio*, dentro da Lógica, pode ser compreendida ao observar-se em que sentido é possível aplicar o ato de raciocinar aos processos inferenciais, e o que isso significa em Lógica, ou seja, qual a esfera de abrangência do termo. O desenvolvimento da Lógica culminou no que é considerado como formal. Isso implica de forma indireta, lembrar-nos seu trato com as estruturas inferenciais, por exemplo, do tipo 'Se *P* então *Q*'. Mas esse desenvolvimento aponta outro fator: progressivamente põe-se de lado o trato da Lógica com estruturas que lidam, de certa forma, com o âmbito da

informalidade, e é exatamente quando se adentra a esfera dos argumentos que lidam com contextos informais que entendimentos errôneos do termo *raciocínio* ocorrem. A partir dessa elucidação analisamos o próximo tópico, o fato de que mesmo colocada à parte, a informalidade possui seu trato dentro da Lógica. Para isso, analisaremos [2] a compreensão do termo 'validade' dentro do proposto por John Corcoran em seu artigo intitulado *Conceptual Structure of Classical Logic*, no qual ao explicar suas ideias sobre formas de corretude de argumentos, com foco no exame sobre o conteúdo da lógica clássica/tradicional, identifica diferenças na ocorrência dessa em diferentes tipos de argumentos, os quais são propostos pelo autor como: os argumentos premissa-conclusão, que permeiam a formalidade da lógica clássica, e os argumentos demonstrativos, os quais ocorrem em contextos informais. Apresentados em linguagem natural, oferecem mais do que a estrutura premissa-conclusão fornecidos pelos modelos padrão de inferência em contextos formais e são, nestas situações, em que argumentos demonstrativos fazem uso do contexto informal para sua apresentação, e parecem causar uma certa confusão sobre a maneira da Lógica empregar o termo *raciocínio*. Mais do que entender qual o *funcionamento* do termo *raciocínio* dentro da Lógica, parece ser necessário compreender a própria estrutura inferencial da Lógica, pois conforme o proposto por Corcoran em seu artigo *Conceptual Structure of Classical Logic*, quando observamos argumentos premissa-conclusão em contraste com argumentos demonstrativos, cada um possui sua própria forma de *corretude*, o que contraria a aceção comum dessa noção lógica; todavia, denota a forma estrutural correta observada quando a conclusão é afirmada a partir das premissas que compõem determinada inferência. Em sua proposta, o autor

consegue indicar uma estrutura que marca o processo do raciocínio dentro desses diferentes argumentos, isto é, a forma (P, c) para os argumentos premissa-conclusão, que possuem contexto formal e/ou dedutivo, e (P, R, c) para os argumentos demonstrativos, os quais ocorrem em contextos informais, mas possuem ainda vínculos com a lógica clássica e que constituem nosso último tópico [3]. Dentro da discussão algumas noções do âmbito da Lógica serão trabalhadas de forma diferente da proposta tradicional da mesma, principalmente ao que tange à ideia de estrutura formal.